

IMPASSIBILIDADE

SEMÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, **ANTÓNIO-LINO**Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Fimalcção
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesse

A' MARGEM

ALGUMAS PESSOAS muito bem intencionadas entregaram-se à piedosa estupada de fazer compreender aos outros mortais a posição de Portugal no conflito europeu. Entendem elas, no seu indesmentível desejo de bem servir, que é preciso explicar-lhes a natureza dos nossos interesses e, sobretudo, o carácter da «nossa» neutralidade — que, afinal, é uma neutralidade muito curiosa, muito delas. muito específica, muito liberal, muito democrática... Ora nós pensamos — salvo, é claro, melhor opinião — que o assunto está lapidarmente esclarecido na insofismável *nota oficiosa* do governo português.



REFLECTINDO UMA DELIBERAÇÃO que não foi tomada de ânimo leve e que tem alicerces nas mais puras ambições da Nação diz essa *nota* que os nossos deveres para com Inglaterra «não nos obrigam a abandonar nesta emergência a situação de neutralidade». E que «o Governo considera como o mais alto serviço ou a maior graça da Providência poder manter a paz para o povo português», esperando, muito legitimamente, «que nem os interesses do País, nem a sua dignidade, nem as suas obrigações lhe imponham comprometer-se».

E' caso para se lhes perguntar, às tais piedosas pessoas: compreendem?



SE FORMOS A VER o que deitam cá para fora, mais ou menos exprimido, somos obrigados a concluir que não, que ainda não compreenderam. Porque sendo bem intencionadas e amigas de bem servir não as julgamos capazes de atrairçarem as determinações do Governo para lisonjarem, apenas, os seus sentimentos reservados e as suas preferências particulares...



COMO O DIARIO DA MANHÃ o dizia, há dias — pela autorizada pena de Augusto da Costa — «não precisamos de campanhas belicistas, tendentes a orientar a Nação neste ou naquele sentido. «E por um motivo muito simples»: A nossa posição, em face da guerra, deve ser apenas a de portugueses e nacionalistas: como portugueses — esclarecia ain-

Salazar disse:

O Império Português

Seguimos comovidamente, e nalguns momentos com verdadeira ansiedade, a visita do Chefe do Estado às terras portuguesas de Africa. Ela não seria no nosso pensamento a inspecção do senhor a ignorados domínios de uma vaga herança secular, mas o saudável abraço do Chefe aos membros distantes da família. Todo o ultramar africano, com excepção da Guiné, pôde acolher em seu seio aquê que de entre nós goza do privilégio de representar-nos a todos, elo visível da cadeia que exprime a continuidade histórica do nosso povo e a unidade nacional. O afecto, o entusiasmo, a dedicação patriótica com que foi recebido não é para mim descrevê-los; não o será mesmo, porventura, para quem os presenciou ou viveu; quando o coração transborda, usa afogar as palavras com que tais sentimentos se poderiam exprimir.

A descoberta abnegada e teimosa é sem dúvida um título; sangue dos soldados nas lutas da ocupação, selo material da posse; mas o que está feito é mais — é a fusão da raça e da terra, o alargamento, até aos confins do sertão, das estreitas fronteiras da Península, a mesma Pátria reproduzida, alma e sangue, ao modo de mãe em seus filhos.

A charrua penetra o solo mais que o ferro da espada; o suor fertiliza a terra mais que o sangue das veias; o espírito afeiçoza e transforma os homens e a natureza mais profundamente que a força material dos dominadores.

As fundas pègadas que ficaram de nós na terra e nas almas, por muita parte onde não é hoje nosso o domínio político, têm maravilhado os observadores, desde as costas de Marrocos à Etiópia e do Mar Vermelho aos estreitos e ao Mar da China e vêem exactamente de que a nossa obra não é a do caminheiro que olha e passa, do explorador que busca à pressa as riquezas fáceis e levantou a tenda e seguiu; mas a do que levando em seu coração a imagem da Pátria, se ocupa amorosamente em gravá-la fundo onde adrega de levar a vida, ao mesmo tempo que lhe desabrocha espontâneo da alma o sentido da missão civilizadora.

Não é a terra que se explora; é Portugal que revive.

Os homens que nas redacções dos jornais ou nas salas das chancelarias consideravam a Africa baldio da Europa, e de vez em quando, teimosamente, para matar ócios ou dificuldades, estudavam combinações de possível confisco ou redistribuição em que entrariam terras portuguesas, tais homens não podiam fazer ideia do que isto seja.

A neutralidade portuguesa

A Alemanha fez-nos saber estar na disposição de respeitar a integridade de Portugal e das suas possessões ultramarinas, em caso de neutralidade; a Inglaterra nada pedira em nome da aliança e amizade seculares que nos obrigasse a entrar em conflito; nós não tínhamos neste momento, à parte os interesses que nos solidarizam com todos os mais como membros da comunidade europeia e filhos da sua civilização, um interesse próprio e directo a defender.

O Governo podia assim manifestar ao país a deliberação e a esperança de manter na Paz o povo português, salvo se a dignidade, os interesses ou os nossos deveres no-la viessem a fazer abandonar.

Compreende-se facilmente que se em curtas horas foi possível marcar posições de tal gravidade é que estas eram apenas a lógica consequência de princípios postos, de conceitos assentes, de situações definidas há muito tempo.

Elas estavam sobretudo na linha das declarações que em Maio passado tive a honra de fazer à Assembleia Nacional. O dever de europeus, era na verdade, não sujeitar de ânimo leve toda a Europa a catastrófica revisão, mas criar, consolidar, em caso de conflito, zonas de paz, entre as quais a da Península tem decisivo valor.

A declaração de neutralidade da Espanha, à parte os esforços empregados pelo Generalíssimo Franco para a localização da guerra, é o natural complemento dessa política e uma das suas melhores garantias.

A situação persiste, pois, tal como a definimos e não julgo consentâneo com ela fazer neste momento e sobre a guerra na Europa, nem história, nem crítica, nem vaticínios.

Comemorações centenárias

Foi já em obediência a esta preocupação que, pesando maduramente os vários aspectos do problema e embora convencidos de estar irremediavelmente prejudicado o alcance internacional das comemorações centenárias, se resolveu realizá-las na data própria, com as modificações e aligeiramentos de programa aconselhados pelas circunstâncias.

Vida Social

Nós não poderíamos responder pela realização da justiça social e pela conservação da riqueza colectiva, se não dispuséssemos de uma economia cujas bases oferecessem garantias de solidez e

(Continua na 4.ª página)

A' MARGEM

da o mesmo distinto jornalista no órgão que expressa o pensamento do governo — devemos fazer tudo (excepto deixar ferir a dignidade nacional ou prejudicar os nossos interesses fundamentais) para que os horrores da guerra não nos atinjam; como nacionalistas, devemos opor-nos intransigentemente à expansão de qualquer imperialismo ideológico que possa pôr em perigo os princípios porque nos governamos e queremos continuar a ser governados.»



POR AQUI SE VÊ, portanto, «que há uma cousa que para nós vale infinitamente mais do que, por exemplo, a Democracia; é a independência da Nação contra qualquer forma de imperialismo — comunista, semi-comunista ou anti-comunista — que pretendesse eliminá-la ou diminuí-la.» «Realmente seria estúpido queimar em defesa da Democracia vidas e bens que devemos reservar apenas para defesa da independência nacional.»



PARA SE SER BOM PORTUGUÊS — ou justamente por o ser — não se torna necessário acreditar cegamente nas descaroadas patranhas que a propaganda estrangeira nos impinge pelas agências telegráficas e pelo Rádio, como não é matéria de primeira ordem favorecer de qualquer modo a internacional maçónico-judaica-democrática. Em vez de se ir atrás dos balões de ensaio — do bombardeamento dos hospitais de menores dementes, da destruição de cidades inteiras, da morte de milhares e milhares de mulheres e crianças, da rotura da linha Siegfried em 12 pontos, da completa falência dos objectivos dum campo ou doutro, do torpedeamento de barcos inofensivos — deve preferir-se, inquestionavelmente, a calma e a serena observação das realidades. Caso contrário arriscamo-nos a cair no erro que criticamos e a contribuir para grandes e bem dolorosas desilusões.

Visado pela

Comissão de Censura

D A C I D A D E

VIDA CATOLICA

20.º Domingo depois do Pentecostes

Evangelho (Joan., IV, 46-53). — Havia um régulo cujo filho estava doente em Cafarnaum. O qual, tendo ouvido que Jesus vinha da Judeia para a Galileia, foi ter com elle, e pediu-lhe que viesse a sua casa curar seu filho, que estava a morrer. Jesus disse-lhe: «Vós não credes, sem verdes milagres e prodígios.» Torna o régulo: «Senhor, vem antes que meu filho morra». Responde Jesus: «Vai, que teu filho vive.» O homem acreditou no que Jesus lhe disse, e foi-se. E, quando elle já ia no caminho, vieram os seus criados sair-lhe ao encontro, e deram a notícia de que seu filho vivia. Ele perguntou-lhes a hora em que o doente se achara melhor. E elles responderam: «Ontem pelas sete horas deixou-o a febre». Viu o pai ser aquela mesma hora em que Jesus lhe dissera: «Teu filho vive». E creu elle e toda a sua família.

Homília. — Deus sendo Senhor soberano, nada succede neste mundo sem licença ou permissão sua. Só elle regula tudo com uma sabedoria infinita, com uma força à qual nada resiste, e com uma bondade mais que paternal, até ao ponto de não cair um só cabelo da cabeça sem seu consentimento. Quando, pois, Deus nos provar por meio de doenças ou tribulações, lembremo-nos de que elle tem sempre vistas cheias de sabedoria e bondade. A doença do filho deste official é uma prova de que assim é, porque ela tornou-se para si e para toda a sua casa uma fonte de graças e uma occasião de salvação.

Porque nos envia Deus doenças e tribulações. Para exercer o seu soberano domínio e nos convencer de que é o Senhor da nossa saúde e da nossa vida.

Para exercer sua justiça, e punir os

nossos peccados. Assim, para este paralytico de 30 anos, a quem Nosso Senhor disse: «Vade, et noli amplius peccare, ne deterius tibi contingat.»

Vós lastimai-vos de ser um doente, mas, sem esta doença, serieis talvez um impudico, um ebrio, um jogador... — de ser pobre, mas se fósseis rico, desprezariéis talvez todos os deveres religiosos.

Para nos tornar mais conformes a seu Divino Filho crucificado; para nos fazer merecer mais, e para ganhar uma coroa maior de Glória no Céu. Se nós compreendessemos bem isto, com que amor e com reconhecimento aceitaríamos as doenças e as cruzes!... Exemplos de Santo Servulo, de Santa Liduina; o pobre e o leproso de Tauler.

E' preciso recebê las cristãmente, isto é, conformando-nos com a intenção de Deus, para sua maior glória e para a salvação da nossa alma. Honremos o seu soberano domínio, submetendo-nos generosamente e amorosamente a tudo o que elle quizer de nós. Honremos a sua justiça, que assim se digna castigar-nos nesta vida. Honremos a sua Providência, e submetamo-nos ao seu procedimento, ainda que algumas vezes nos pareça inexplicável e rigorosa.

Não é necessário ser semelhante a Jesus para merecer o Céu?... Que honra e que felicidade para nós o tomarmos parte nos seus sofrimentos!

Todo o cristão devia recordar-se e recitar freqüentemente a bela oração de Sara, filha de Raquel (Tob. III, 21-23): «Todo aquêle que vos honra, Senhor, está seguro de que se fôr provado, sua vida será coroada; se estiver na tribulação, será livre; se estiver na expiação terá acesso junto da vossa misericórdia. Vós não tendes nenhum prazer com a nossa condenação; mas depois da tempestade mandais a bonança e depois das lágrimas e dos gemidos derramais a alegria. Que o vosso nome, seja, pois, bendito em todos os séculos, ó meu Deus. Amen.

CASA DOS POBRES

Movimento durante o mês de Setembro de 1939

Subsídios em dinheiro a 190 pobres, 4.375\$00; idem para renda de casa, a 170 pobres, 2.821\$00; pernoitaram no albergue 230 pobres.

Subsídios para transporte aos inválidos, 25\$00.

Refeições fornecidas aos pobres: sopas, 11.660; pães, 11.660; pratos, 420; vinhos, 480.

Barbearia — barbas, 442; corte de cabelos, 122.

Balneário: banhos, 588.

Vestuário fornecido aos pobres: 6 casacos, 6 calças, 7 camisas, 1 par de ceroulas, 1 saia e 1 blusa.

Cozinha económica — refeições fornecidas aos operários: sopas, 1.227; pães, 2.461; pratos, 3.275; vinhos, 2.276.

Refeições fornecidas aos presos da cadeia, 670 completas; idem aos da esquadra policial, 93,5.

Lactário Municipal (Anexo à Casa dos Pobres) — 29 crianças que transitaram de Agosto, 2 admitidas, 59 passagens aos mesmos, 7 consultas, 225 litros de leite consumido, 8,5 quilos de farinha consumida.

Donativos recebidos — Banco de Portugal, 20\$00; anónimo, 20\$00; dr. Alberto Rodrigues Milhão, 4 colmos de palha; dr. João Baptista Borges, Mirandela, 200\$0; dr. Oscar Moreno, 50\$00; António Augusto da Silva Carneiro, 4 alqueires de milho.

joaria na rua da República, de modificar, modernizando-o, o seu estabelecimento. Sob a orientação do sr. capitão Luiz de Pina Guimarães, o novo estabelecimento apresenta-se amplo, simples e agradável. A Imprensa, no acto inaugural, foi-lhe oferecido um *Porto de Honra*, motivo para alguns brindes.

Ressurgimento agradece o convite e palavras dirigidas e faz votos porque o seu estabelecimento prospere.

O que se consome em Guimarães

Nos matadouros municipais houve, no mês de Agosto, o seguinte movimento: Guimarães — 74 bois; 221 vitelas; 66 suínos e 237 caprinos.

Vizela — 33 bois; 81 vitelas; 15 suínos e 108 caprinos.

Taipas — 13 bois; 30 vitelas; 11 suínos e 215 caprinos.

Fora dos matadouros — 13 suínos. Foram regeitados 1 boi e 1 suíno.

E' digno de louvores o veterinário municipal, sr. dr. José da Conceição Gonçalves, pelos cuidados que lhe merece a saúde pública.

Legião Portuguesa

Começam amanhã, pelas 10 horas, os exercícios da Legião Portuguesa.

Incêndio

Pelas 12 horas do dia 3, declarou-se incêndio na chaminé que serve duas casas, pertencentes ao industrial sr. Belmiro Mendes de Oliveira, à rua de Vila Verde, e habitadas por Arminda Adelaide de Oliveira, casada operária fabril, e por António Gonçalves, casado, operário curtidor.

O incêndio foi de pronto localizado

Movimento Hospitalar no mês de Setembro

Hospital Geral de Santo António

Consultas no Banco, 283; receitas abonadas a doentes externos, 200; parturientes recolhidas, 11; crianças nascidas, 10, sendo 7 do sexo masculino e 3 do feminino; doentes existentes no último dia do mês de Agosto, 91; doentes entrados durante o mês de Setembro, 145; curados, 96; melhorados, 27; no mesmo estado, 5; falecidos, 6.

Ficaram existindo no último dia do mês de Setembro, 102; banhos dados no balneário, 196; operações de grande e pequena cirurgia, 70; curativos feitos no Banco, 1.802; Oftalmologia — Operações, 4 e curativos, 384; injeções applicadas, 1.544; sessões de raios ultra-violetas, 121 e de diatermia, 330.

Hospital António Francisco Guimarães

Consultas no Banco, 25; doentes existentes no último dia do mês de Agosto, 17; doentes entrados durante o mês de Setembro, 7; curados, 2; melhorados, 3.

Ficaram existindo no último dia do mês de Setembro, 19; curativos feitos no Banco, 263; injeções applicadas, 57; operações de pequena cirurgia, 1.

pelos bombeiros, estando os prejuízos, que são insignificantes, cobertos pelo seguro.

De luto

Guarda-o pelo falecimento de seu pai o nosso amigo sr. José Francisco dos Santos. A poucos dias da morte de sua mãe extremosa, profundamente sentimos a nova perda que acaba de ter.

— Encontram-se também de luto pelo falecimento de sua mãe os srs. Delfim de Guimarães, Alberto Gomes, José e D. Beatriz da Silva Lima Guimarães.

— Também se encontra de luto pelo falecimento duma sua cunhada o sr. dr. João Fernandes de Freitas.

Os nossos pêsames.

"Revista dos Centenários"

Da Comissão Executiva dos Centenários

Redacção: S. P. N.

Rua S. Pedro de Alcântara, 75

LISBOA

Condições de assinatura

(Pagamento adiantado)

	1 ano	2 anos
Continente e ilhas	25\$00	50\$00
Ultramar	30\$00	60\$00
Estrangeiro	35\$00	70\$00

Avulso: 2\$50

NOTICIÁRIO

Sociedade

— Partiu para Penafiel a sr.ª D. Maria José de Sequeira Braga Cochofel Teixeira Dias.

— Ao Caramulo regressou o nosso amigo Rodrigo Lôbo Machado de Menezes.

— Para Lisboa seguiu o nosso camarada Gaspar Pinto de Carvalho Amaral, que se encontrava no Porto como alferes miliciano em cavalaria 9.

— Esteve nesta cidade a tratar de assuntos referentes às Festas Centenárias o sr. capitão Henrique Galvão, director da Emissora Nacional.

— Partiu na passada quinta-feira para Lisboa, donde seguirá hoje para o Congo Belga o nosso amigo Henrique Martins.

Registo Civil

Nesta repartição pública houve, durante o mês findo, o seguinte movimento:

Nascimentos, 251; Obitos, 162 e Casamentos, 24.

Aniversários

Sábado, 14 — Dr. Jerónimo M. de Lacerda.

Pedro Trocado Freitas do Amaral. Fernando Monteiro de Meira Vieira Ramos.

Domingo, 15 — José Manuel Leite de Castro.

Quarta, 18 — D. Maria Margarida Freitas do Amaral Lôbo Machado.

Sábado, 21 — D. Maria Luíza Martins Ferreira.

Domingo, 22 — D. Maria do Carmo Martins Carvalho Cyrne.

Nova ourivesaria

A pouco e pouco vão-se modificando os estabelecimentos desta terra. Medida de louvor e a indicar como exemplo ella merece todo o carinho da imprensa, pois que o arranjo e modernização das nossas casas comerciais, vem contribuir para o embelezamento cidadão.

Coube agora a vez à firma Carvalho & Silva, Lt.ª, com ourivesaria e relo-

«OCIDENTE»

Revista Portuguesa

Director: Manuel Múrias

Proprietário e editor: Alvaro Pinto

Rua do Salitre, 155, 1.º — Lisboa

Sumário do n.º 18, vol. VII — Outubro

«Cartas de Curros Enríquez a António Feijó», nota de Alberto de Oliveira, pág. 177. Mário de Sampaio Ribeiro, «Música do Natal Português», com 9 composições, pág. 180. Tasso da Silveira, «O Milagre português», pág. 202. Herculano Rebordão, «O significado da Batalha de Ourique», pág. 213. Elsie A. Holder, «Madeira» (Quadras), pág. 221. Pedro Homem de Melo, «Cabanas» (Soneto), pág. 222. Alberto de Oliveira, «Canção» (Quadras) e «Paz Campestre» (Soneto) págs. 223 e 224. Anselmo Braamcamp Freire, «Vida e Obras de Gil Vicente» (continuação), pág. 225. Augusto da Costa, «O Pecado desportivo da Vida nacional», pág. 241. Agostinho Barberi, «O Cachimbo» (conto), pág. 257. Cecília Meireles, «Olhinhos de Gato» (Novela), continuação, pág. 269. Alexandre Sarmiento, «Aspectos do Folclore do Sertão das Ganguelas», pág. 274.

Crónicas — Rodrigues Carvalheiro, «Sob a Invocação de Clio», pág. 278. Diogo de Macedo, «Notas de Arte», pág. 284. Luiz Chaves, «Nos Domínios da Etnografia e do Folclore», com três desenhos de E. Sales Viana, pág. 291. A. P., «Pelos Revistas», pág. 298.

Bibliografia — Notas de J. C. O., E. N., A. do E. S., L. C., O. C. e Cassiano Ricardo, pág. 300.

Notas e Comentários — Pág. 312.
Fins de página — de Camões, págs. 220 e 283.

Ilustrações — Busto, por Francisco Franco, pág. 214, A. Busio, por Diogo de Macedo, pág. 224, B. Violinista, de Abel Manta, pág. 240, A. Auto-Retrato, de José Tagarro — pág. 240, B. Reproduções *offset* da Litografia Nacional do Porto.

Vinhetas — de D. M., Couto Viana e Correia Dias.

ASSINATURA

Com direito aos números extraordinários

Portugal — 6 meses 60\$00 . . . 1 ano 115\$00
Colónias Portugueasas 1 » 125\$00
Brasil 1 » 120\$00
Estrangeiro 1 » £1-8-0

«BROTÉRIA»

Revista Contemporânea de Cultura

Director: Domingos Maurício

Correspondência para: Caixa postal, 364

Lisboa

Sumário do vol. XXIX — Outubro

João Mendes: «A Guerra e o Homem». Alfredo Cabral: «A expansão e a explosão do Universo». A. Pinto de Carvalho: «A religião na filosofia de Kant». M. Esteves: «O advento da parusia do Anti-Cristo». J. da Costa Lima: «Valores de beleza e história». Lúcio Craveiro da Silva: «Uma vida que não passa...». Paulo Durão: «The Hound of Heaven» de Francisco Thompson e uma sua tradução portuguesa. Afonso do Paço e Eugénio Jalhay: «A Póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro — Revista das Revistas». «Bibliografia portuguesa e estrangeira».

Apontamentos...

De acôrdo...

O autor de uma das secções que se publica num diário de Lisboa, escreveu há dias:

«A nossa neutralidade foi assim, sucessivamente, «estrita», «absoluta», «integral»...

Mas não era bem melhor, não era bem preferível que todos nós nos reportássemos, disciplinarmente, ao texto claríssimo, ao texto insofismável da declaração do Governo?

A hora não se presta para malabarismos dialecticos.»

De acôrdo. Por isso todos esperamos que o comentador aludido seja o primeiro a dar o exemplo...

Objectividade...

«A nossa neutralidade é simplesmente, mais que estrita, mais que absoluta, mais que integral — é neutralidade.»

E o comentador mais que dinâmico, mais que profundo, mais que absoluto — é patético.

Parece-nos que não

Um «belicista» disfarçado comentou o judicioso artigo de Augusto da Costa nos termos seguintes:

«Em artigo do *Diário da Manhã*, Augusto da Costa indicou, com justificada severidade, aquêles que perturbam e se esforçam por falsificar a nossa situação de neutralidade, os especuladores que «sonham com grandes fornecimentos de guerra», e os ideólogos que «esperam da vitória da democracia» não sei que males para Portugal.

Pena foi que Augusto da Costa não acrescentasse a uns e outros os «germanófilos» e os «perplexos»: aquêles — tam raros — por tudo quanto dizem; estes — bastante numerosos — por tudo quanto não dizem, dando lugar, com as suas reticências, a interpretações erradas ou a juízos pelo menos temerários.

Os especuladores, os democratas, os germanófilos, os perplexos... Ficaria completa — a lista.»

Parece-nos que não. E' que também lá devem figurar os videirinhos...

A.

A' MARGEM

DEVEMOS SER INDIFERENTES, pois, às notícias e às habilidades que pretendem conquistar a opinião internacional com a patética descrição de horrorosas crueldades. E aos esforços suspeitos dos que pretendem mobilizar a opinião pública a favor de certos sectores políticos. E' que em Portugal — como frisava creterosamente Augusto da Costa — só pretendem perturbar a neutralidade que o Governo definiu e adoptou,

Vida corporativa

«A organização corporativa alastra-se metódicamente por todo o País.

Absolutamente consolidada no Continente Português, ela firma os seus alcerces em terras insulares e coloniais, ampliando a constituição dos seus órgãos de coordenação de actividades, de disciplina social, de defesa e assistência às massas trabalhadoras. E tudo isto faz-se, sem atropêlos, sem imposições — num ambiente de entusiasmo e fé nos altos destinos da Pátria.

Foi o que sucedeu ainda há bem pouco nos Açores, na risonha e laboriosa freguesia dos Arrifes, onde um punhado valoroso de boas-vontades lançou as bases de organização da sua Casa do Povo, depondo nas mãos leais do sr. dr. Bento Caldas, ilustre Delegado do I. N. T. P. no Distrito, o projecto dos estatutos do futuro organismo corporativo, no decorrer de uma sessão solene que em merecida homenagem foi prestada pelo povo daquela região ao distinto causídico.

O brilhante discurso que a seguir o sr. dr. Bento Caldas pronunciou, para referir à iniciativa da fundação da Casa do Povo, calou profundamente no espírito da assistência que freqüentemente o aplaudiu e vitoriou Salazar, Rebelo de Andrade e o Estado Corporativo.»

(do 1.º de Mai)

Exames de Liceus

Depois do nervosismo provocado entre estudantes e familias pela estranha demora com que foram divulgadas as classificações dos exames do princípio de Julho, appareceu a 20 de Agosto uma curiosa nota da imprensa dizendo que «não podendo talvez realizar-se o julgamento dos recursos de exames antes do dia 10 de Setembro próximo, e devendo ser entregues até esse dia os requerimentos para os exames em Outubro, as secretarias dos liceus receberão inscrições condicionais para estes exames».

Do dia 20 de Agosto até o dia 10 de Setembro iam 21 dias, e os recursos tinham entrado anteriormente.

Será possível que o seu número seja tão elevado que mais de 21 dias não tivessem chegado para o julgamento? Poderá admitir-se que se levem os meses de Julho, Agosto e Setembro em exames, classificações e recursos — sem a devida atenção para com todos quantos se submetem a provas e ficaram esperando as férias inteiras por uma solução rápida e clara?

Há, decerto, qualquer falha na engrenagem liceal, que tudo aconselha a consertar-se quanto antes.

(Ocidente).

João Ferreira das Neves



Rua do Santo António — Telefone 181

GUIMARÃIS

Horário das carreiras de caminhetas

HORÁRIOS DAS CARREIRAS DO PEVIDÉM

Guimarães	Pevidém	Pevidém	Guimarães
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
7,35 A	7,50	8,00 A	8,15
8,05 F	8,20	8,30 F	8,45
8,20 B	8,35	9,00 B	9,15
12,00 C	12,15	12,30 C	12,45
16,30 B	16,45	17,15 B	17,30
19,15 D	19,30	19,30 D	19,45
20,35 E	20,50	20,55 E	21,10

A — Efectuam-se diariamente excepto aos Domingos.
B — Efectuam-se aos Sábados.
C — Efectuam-se diariamente.
D — Efectuam-se de 1 de Dezembro a 30 de Junho.
E — Efectuam-se de 1 de Julho a 30 de Novembro.
F — Efectuam-se só aos Domingos.

HORÁRIO DA CARREIRA DA PÓVOA DE VARZIM

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
7,15	9,55	17,15	19,50

Efectua-se todo o ano De 1 de Julho a 30 de Novembro

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
7,15	9,55	18,35	21,20

De 15 de Junho a 15 de Novembro

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
11,45	14,25	8,00	10,40

HORÁRIOS DAS CARREIRAS DO PORTO

Guimarães	Porto	Porto	Guimarães
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
8,05	10,00	8,00	10,00
12,35 C	14,30	12,30 C	14,25
18,20	20,15	17,00 A	19,05
		18,30 B	20,25

A — Só se efectuam de 1 de Dezembro a 30 de Junho
B — Só se efectuam de 1 de Julho a 30 de Novembro.
C — Não se efectuam aos Domingos.

lêde e propagal

«RESSURGIMENTO»

A' MARGEM DA GUERRA

CARTA DE LISBOA

Com vista à Companhia dos Caminhos de Ferro de Guimarães

I

Por lei do destino, nas horas decisivas da vida dos povos, a alma dos heróis revive na de outros homens.

Três chefes, na guerra de 1914-1918, conduziram os exércitos da França à vitória: Joffre, Foch, Pétain. Três chefes, na guerra de 1939, comandam os exércitos franceses e detêm a sorte do seu país: Gamelin, Georges, Colson. E o destino, conta o semanário *Candide*, quis que estes homens de hoje tivessem sido formados na escola dos homens de ontem, que cada um deles fôsse o discípulo querido dos três primeiros.

Gamelin trabalhou ao lado de Joffre e escreveu, sob a sua orientação, a ordem da Batalha do Marne. Georges militou à sombra do glorioso Foch. Colson foi o colaborador fiel de Pétain.

O espírito dos chefes de ontem ressurge nos chefes de hoje.

A música e a metralhadora

II

Mesmo nas horas duras de luta a França não descarta o cultivo das manifestações de beleza. Assim, o espírito dos seus soldados, privados, lá na frente, dos ritmos da música mereceu-lhe tanto cuidado como a sua saúde.

Em obediência a esta razão a imprensa francesa aponta a necessidade imediata de se proporcionarem emissões radiofónicas aos soldados encerrados nos subterrâneos da Linha Maginot, nas casamatas e nos fortes. Evidentemente que não se trata da emissão de músicas sentimentais, enlanguescedoras das almas: mas sim, trechos tonificantes que nas horas do descanso actuem como um café forte. Esta música, transportada até à frente da batalha nas ondas do rádio, constitue para a opinião francesa uma necessidade equiparável à ração de tabaco.

Bernard Shaw e Wagner

III

Conta um periódico parisiense que o director duma emissora inglesa resolveu, a título de repúdio por tudo que tivesse origem alemã, suprimir as músicas de Wagner dos seus programas.

Bernard indignou-se. «Isso é miserável! Hitler pertence ao partido nazi... Mas Wagner pertence à humanidade». Em face desta censura de Bernard Shaw, o director da emissora inglesa apressou-se a pôr de parte o seu intento.

Panfletos ao domicílio

IV

E' uma história que se conta nos refeitórios da «Royal Air Force».

Os aviões partiram em direcção à Alemanha para lançar panfletos.

Ao romper do dia todos os aparelhos regressaram, salvo um. Os camaradas interrogam-se. Que teria acontecido? Quatro horas mais tarde aterra o avião faltoso. Está tudo intacto, pilotos e material. Interrogam os retardatários. E o piloto explica: Estava tudo tam sossegado que aterramos e fomos deitar os panfletos nas caixas do correio.

H. A.

Não queremos deixar de recordar nestas curtas linhas, algumas das principais passagens contidas na impressionante Carta-Pastoral, que Sua Eminência o Cardinal Patriarca de Lisboa dirigiu no dia 3 ao clero e a todos os fieis da sua diocese, aconselhando-lhes a invocação do auxílio divino para terno da terrível catástrofe europeia, no sentido de uma paz justa e duradoira.

O Senhor D. Manuel Cerejeira levanta com a maior oportunidade a sua categorizada voz de príncipe da Igreja. E depois de várias e substanciais considerações acerca das origens do mal que aflige, desde à muito, o mundo e sobretudo a Europa — e que são, no fundo, a consequência de uma obstinada negação ou adulteração dos eternos princípios proclamados pelo Cristianismo, desde a redenção do homem — o venerando Prelado fala da injustiça de uma guerra injusta, e define a missão de Portugal à face da crise contemporânea, em paralelo com o conceito oficial dos governantes: a *defesa da civilização cristã*, tal como a exigem as normas divinas e os alicerces político-sociais da nação, expressa no *sentido da autoridade*, no *reconhecimento da pessoa humana*, na *valorização da família*, no *respeito da Igreja*, na *primazia do direito sobre a força*, na *cooperação das classes*, na *justiça social*, na *colaboração internacional*, emfim,

Não se pense — se porventura alguém o fizer — que o poder espiritual se imiscue nas funções temporais dos governantes políticos, ao abordar estas questões. Decerto, hoje mais do que nunca, tem a Igreja Católica necessidade de manifestar abertamente a lei de Deus a pedir as preces sinceras e fervorosas de todos os povos crentes. Jamais se desenhou tam perto a silhueta de uma feroz avalanche pagã, tentando subverter os valores morais e espirituais da humanidade, a pontos de a fazer recuar a um completo estado de barbaria.

Por isso, os corações, as inteligências, e os sentimentos católicos de todo o mundo se levantam num brado unísono de salutar reacção, apoiados e fortificados pelo exemplo do Santíssimo Padre, que espontaneamente se submete a penosas e longas penitências, com o nobilíssimo intuito de *forçar o céu* a um sinal de misericórdia e protecção.

* * *

Muito se tem falado agora no papel essencialmente honesto e construtivo, que deve ser desempenhado pelo rádio, mormente em defesa da Verdade, contra truculentos manejos e deturpações intencionais, que a tornam tantas vezes num agente de corrupção intolerável e odioso.

A propósito, citemos o caos de certos aspectos impenetráveis desta guerra, através do panorama heterogéneo que nos oferecem as emissoras de todo o mundo, uma alucinante análise de conjunto. No fundo, o que há? O que se passa, realmente?

A este respeito, contava-nos há dias, um amigo sensato:

— Tenho um receptor magnífico, que me permite a audição de quasi todas as estações estrangeiras. Mas não imagina!

E continuou:

— Se fôsse ouvir e acreditar na

verdade emanada de cada uma, acabaria por convencer-me da minha própria loucura!...

Com efeito, é assim. Que montanhas de estultícios e criminosos absurdos tantas vezes o eter aproxima dos nossos lares tranquilos!

E ficamos a recordar o heróico exemplo daquela emissora de Varsóvia, que continuava nobremente a transmitir Beethoven, sob os últimos fogos do invasor...

* * *

A' última hora não podemos deixar de referir-nos à sessão extraordinária realizada esta tarde na Assembleia Nacional, para leitura de uma eloquente mensagem, em que o Chefe do Estado informa da sua viagem às Colónias e à União Sul-Africana.

A sessão revestiu-se de um carácter simples e solene. Apenas um discurso: o do sr. Presidente do Conselho.

Salazar disse o que era indispensável que o país soubesse neste melindroso momento internacional. Referindo-se à União Soviética, por exemplo, o Chefe do Governo pronunciou, textualmente as seguintes palavras:

— «Não podemos crer — e bastantes vezes o temos afirmado — que uma nação como a Rússia, que exactamente renegou desses princípios (os da civilização latina e cristã) seja quem vai — piedoso cireneu — ajudar a restabelecê-los na Europa ocidental.»

Salazar focou a questão da aliança luso-britânica, que deve considerar-se indestrutível, dentro do quadro de interesses recíprocos, e afirmou que *a paz é sobretudo uma criação do espírito, fruto da força que se limita, isto é, da consciência que sabe distinguir e respeitar a linha de separação do direito próprio e alheio, e até sacrificar o seu interesse a interesse maior que lhe é estranho.*

9-10-939.

Z. DE M., F.

Salazar disse:

(Continuação da 1.ª página)

estabilidade, e não estamos por isso dispostos a sacrificar o interesse geral às ambiciosas especulações de alguns.

Ouçõ que a algumas pessoas as preocupa, sobretudo, saber as consequências que da guerra advirão para as democracias ou para os regimes de autoridade e por aí determinam os seus íntimos desejos. Atrevo-me a dizer que a questão é indigna de nós, primeiro, porque só os povos que não sabem governar-se é que estão à espera de saber como os outros se governam e na questão dos negócios internos pautam pela alheia a conduta própria; segundo, porque ou nesta guerra se não discute nada ou estão em jôgo problemas de tal transcendência que a seu lado parece trágica ou ridícula a preocupação de situações políticas — porque infelizmente é disto que geralmente se trata.

Mas se nalguns há receio mais alto e desinteressado, êsses devem pensar que foi bem dura a experiência de se complicarem os problemas da vida internacional com a formação de blocos ideológicos e com prevenções acerca dos regimes internos dos Estados, e que seria desesperar da salvação reincidirem no erro os mesmos que lhe sofreram os efeitos e penosamente se estão a curar deles.

A má organização do novo horário

A escassez de carvão, originada pelo conflito europeu, forçou a Companhia de Guimarães a suprimir alguns combóios. Até aqui toda a gente reputa justificável esta medida de economia.

O que, porém, suscitou um clamor de protestos foi a deficiente organização do novo horário, entrado em vigor no dia 2 de Outubro.

De facto, uma leitura rápida do horário leva-nos, sem dificuldade, ao reconhecimento das suas disparidades. Vejamos.

De manhã, vindos do Pôrto, chegam a esta cidade dois combóios apenas com uma diferença de 46 minutos. O primeiro, de mercadorias e passageiros, chega às 10,30 horas e o segundo, só de passageiros, às 11,16 horas. Se o horário do primeiro combóio, n.º 281, fôsse antecipado, além de servir melhor o público duma maneira geral, traria, principalmente, benefícios para os estudantes que de Lordelo e Vizela freqüentam os estabelecimentos desta cidade.

Que vantagens poderá haver para o público na organização de dois combóios espaçados apenas 46 minutos na sua chegada a Guimarães?

Como, na linha de Guimarães, a maior parte das vezes os horários nunca se cumprem a rigor, tem sido dado o caso destes dois combóios encontrarem-se na estação de Vizela. Francamente, não é assim que se servem os interesses das populações que a linha de Guimarães atravessa.

O nosso espanto, porém, atinge o cúmulo, se repararmos que depois do combóio que sai do Pôrto às 9 horas a Companhia só organiza outro às 18,22, isto é, após o intervalo de 9 horas, para logo após uma hora, às 19,22 horas, organizar o último combóio.

Temos de reconhecer que este intervalo de 9 horas é demasiadamente extenso.

Por que razão a Companhia não espaça os dois últimos combóios, apenas distanciados uma hora, de forma a diminuir o intervalo de 9 horas do último da manhã para o primeiro da tarde?

De tudo isto que expusemos conclue-se que a Companhia, usando o melhor critério podia, só com os combóios existentes servir muito melhor o público.

Os dois combóios quasi juntos tanto ao fim da manhã como ao principio da noite afigura-se-nos uma disparidade digna de emenda. Confiemos na boa vontade e do zelo administrativo da Companhia um aditamento ao novo horário, capaz de melhor satisfazer os interesses do público que a Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal serve.

Preço da assinatura

Anual	24\$00
Semestre	12\$00
Trimestre	6\$00
Avulso	\$50